

## RESENHA

NAHES, Semíramis. *Revista FON-FON: a imagem da mulher no Estado Novo (1937-1945)*. São Paulo: Arte & Ciência, 2007. 168p. Disponível em: [http://www.unimar.br/publicacoes/ftp/miolo\\_Fon\\_Fon.pdf](http://www.unimar.br/publicacoes/ftp/miolo_Fon_Fon.pdf). Acessado em 20/10/2017.

“Revista Fon Fon: A imagem da mulher no Estado Novo (1937/1945)” é o estudo de mestrado da professora Semíramis Nahes publicado como livro em 2007. Semíramis Nahes foi professora titular da Universidade de Marília-UNIMAR até 2011. Tem experiência na área de História e Comunicação, com ênfase em História.

A obra de Semíramis busca captar a imagem feminina no contexto do Estado Novo (1937-1945), anos da ditadura Vargas, de violência e repressão no cenário nacional e também mundial. A autora escolheu como documentos para análise um magazine feminino da época chamado “Revista Fon Fon – uma revista para o lar”, pois, para autora, desde o subtítulo o magazine era um perfeito porta-voz para o Estado totalitário de Vargas, que buscava tirar a mulher do espaço público e restringi-la ao espaço do lar.

Sendo adepta da Nova História, a autora privilegia a documentação massiva e involuntária. Analisando a magazine em questão, ela tenta mostrar como a atuação dessa revista no período do Estado Novo a torna uma cartilha político-educacional do governo. A revista Fon-Fon circulou de 1907 a 1958, mas no período do Estado Novo a autora considera que foi quando mais se enfatizou nos artigos da revista a imagem da mulher do lar como colaboradora do Estado. Percebendo a presença da revista no cotidiano feminino da sociedade burguesa, a autora evidencia que a Fon-Fon poderia ser uma revista feminina mas seu discurso não era o das mulheres e sim o da classe dominante da época. Ela afirma que a partir do início da Era Vargas (1930) é que as mulheres começam a ser persuadidas pelo discurso ideológico do Estado para sair das portas das fábricas, da militância, do espaço público para retornar ao

---

\* Graduada em História pela Universidade Federal de Roraima. Militante do Movimento de Mulheres em Boa Vista – Núcleo de Mulheres de Roraima.

espaço privado do lar, um discurso que fazia parte de um projeto maior: o do Estado autoritário. Para ela acontecia evidentemente uma investigação do comportamento feminino durante a ditadura Vargas, tratando disso a autora traz diversas referências nas quais a revista explicita múltiplos desejos femininos e julga a prostituta, a mulher politizada – portanto masculinizada e exalta a mulher ideal, a mãe-mulher, do lar, assexuada que é como mais aparecem retratadas na revista em estudo.

No primeiro capítulo, a autora faz um aparato sobre a conjuntura nacional do período histórico em está contextualizado o estudo, trata da Era Vargas (1930-1945) dividindo-a em partes, a primeira parte vai da “Revolução” de 1930 à Ditadura de 1937. E a segunda parte se fixa no período do Estado Novo (1937-1945). Na altura do texto em que a autora discute os serviços de propaganda do governo Vargas, podendo citar o principal Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, ela faz perceber como esse departamento de propaganda governamental encontrou oportunidade de periódico aliado na revista *Fon Fon*. Ela enfatiza o fato de que embora fosse uma revista feminina, grande parte de seu conteúdo era escrito por intelectuais homens de reconhecimento nacional como Mario Poppe, Gustavo Barroso e demais colaboradores do projeto de cultura nacionalista que estava sendo edificado pelo Estado Novo. Podemos perceber como através de tais mecanismos o controle social da Era Vargas ia além da repressão pura e simples, havia uma preocupação explícita com a propaganda e o entretenimento de massa.

No que diz respeito à imagem das mulheres artistas nesse contexto, a autora comenta a relação entre a ascensão do cinema nacional e o crescimento do espaço das mulheres no meio artístico. Em contrapartida à este espaço conquistado, a autora demonstra o que percebe através de análises do conteúdo da Revista *Fon-Fon*: o que fica claro é que estas mulheres artistas eram marginalizadas ou consideradas prostitutas de modo a reforçar os preconceitos e tabus e exaltar a mulher do lar, para a autora isso é garantido pela revista nas matérias em que supervaloriza a dona de casa.

Semíramis comenta sobre as transformações urbanas que modernizariam e industrializariam o país e como a posição da mulher nesse contexto começa a mudar apesar de persistir a dicotomia e a idealização da mulher como mãe e esposa. Ainda no primeiro capítulo, a autora trata da legitimação do poder pelos meios de comunicação e como estes foram essenciais para que Vargas passasse a ser conhecido como o pai dos trabalhadores. Em meados do fim do capítulo,

quando a autora trata já do *queremismo*<sup>1</sup>, ela comenta como mais uma vez mudanças gradativas na sociedade refletiriam em como a mulher começa a ocupar o espaço público. Ela ainda afirma que no fim dos anos 40, período do pós-guerra, a mulher passará a demarcar presença nas universidades e no mercado de trabalho. O capítulo é finalizado justificando a contextualização histórica necessária que fez do período Vargas para que se possa analisar e compreender melhor a imprensa feminina que existiu no Estado Novo e só então contextualizar a Revista Fon-Fon em meio às demais magazines da época.

No segundo capítulo a pesquisadora estabelece o lugar conceitual da imprensa feminina e ainda o que o gênero magazine representava neste contexto, para em seguida compreender historicamente o percurso desse tipo de publicação no Brasil e no mundo. Ao enfatizar o percurso histórico estrangeiro da imprensa, a autora faz compreender a formação e o desenvolvimento de revistas e jornais para homens e mulheres no Brasil. A autora afirma ser escassas as bibliografias a esse respeito, pois pouco se pesquisa em relação aos periódicos de época para mulheres, sendo Dulcília S. Buitoni (1990) uma referência a ser utilizada pela autora devido à importância de seu estudo sobre o tema.

O terceiro capítulo discute a Revista Fon-fon, traçando seu percurso histórico para em seguida descrever seu aspecto formal, neste caso a autora busca respaldo teórico em Luiz Beltrão (1992) e André Seguin des Hons (1985). No quarto e último capítulo é feita a análise do conteúdo da revista no período de 1937 a 1942: o que é o texto, quem escreve, para quem e como escreve. Desta forma, a autora procura identificar quem era essa mulher do período da Era Vargas e as ideologias que permeiam sua imagem, apontando também alguns mitos dessa época, apoiando-se nas ideias de Roland Barthes (1933) para tal.

Em resumo, a Revista Fon-Fon enquanto existiu discorreu sobre a mulher – sobretudo no Estado Novo – com o objetivo de traçar uma personalidade para a mulher “ideal”, perfil que na época se tornou obrigatório para todo o público feminino, sendo o Estado um legitimador deste discurso através da mídia. A autora busca verificar se esses papéis femininos eram legítimos ou não, através da fala das próprias mulheres. Ao analisar este periódico específico buscou extrair elementos que possibilitem compreender a “formatação” da mulher no contexto histórico dos anos 30 e 40, para mostrar a realidade controversa aos estereótipos criados pela ideologia da época e a manipulação destes pelas publicações para o público feminino. A autora entende que esta imagem “fabricada” pela revista é como uma

1 Movimento político surgido em maio de 1945 com o objetivo de defender a permanência de Getúlio Vargas na presidência da República. A expressão se originou do slogan utilizado pelo movimento: “Queremos Getúlio”.

máscara que precisa ser afastada para que se retome o real da mulher neste período, que se recupere esta imagem possível da mulher que vai muito além.

Estudos como este da professora Semíramis Nahes são importantes para a ampliação de referências sobre os magazines de época para mulheres e também para que se ampliem os estudos sobre mídia e o controle do Estado sobre esta, pois sabe-se que existe dentro da publicidade um poder de persuasão e de controle da informação desconhecido pela população, que muitas vezes apenas consome todo tipo de propaganda sem questionar as intenções de quem a produz e financia. É necessário lembrar como as grandes mídias funcionam em torno de interesses políticos e econômicos e a articulação direta destas com os grupos dominantes pode manipular e distorcer a realidade, escondendo o jogo de poder que existe por detrás de toda a democracia burguesa, reforçando ideologias e tentando manter estruturas que oprimem mulheres, LGBTs, negros, índios e pobres em prol da sustentação de um sistema baseado em privilégios, e isso acontece não só no período da Era Vargas mas até hoje no Brasil e no mundo.